COBERTURA JORNALÍSTICA COM PERSPECTIVA DE GÊNERO EM VEÍCULOS SEGMENTADOS: ANÁLISE DAS REVISTAS ONLINE GLAMOUR E VOGUE SOBRE MODA UNISSEX

Rafael Santos (PIBIC/CNPq/FA/UEPG), Paula Melani Rocha, e-mail: paulamelani@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Área: Jornalismo e Editoração e Subárea: Jornalismo especializado

Palavras-chave: Jornalismo Segmentado, Estudos de Gênero, Representações de Gênero, Revista de Moda.

Resumo

O presente artigo de iniciação científica tem o objetivo de investigar as relações entre jornalismo e gênero, analisando as representações de gênero na mídia e coberturas jornalísticas com perspectiva de gênero. Assim, a pesquisa pretende analisar a cobertura jornalística sobre moda unissex, através de revistas segmentadas, discutindo a cobertura jornalística pela perspectiva de gênero. O estudo sobre cobertura jornalística de moda unissex, contemplará a discussão sobre: Como revistas segmentadas online apresentaram a cobertura jornalística sobre moda unissex? Como esses veículos abordam as representações de gênero no conteúdo veiculado? Como podemos entender a moda unissex a partir das matérias postadas nos sites de moda analisados? O estudo será fundamentado em conceitos jornalísticos, em especial, critérios de noticiabilidade, fontes, enquadramento e estudos de gênero, com foco nas representações de gênero presentes na cobertura, procurando construir uma análise conjugando jornalismo com perspectiva de gênero.

Introdução

A presente pesquisa avalia os processos do jornalismo envolvendo gênero nas revistas Glamour e Vogue. Tendo como foco uma análise qualitativa dos conteúdos jornalísticos e as abordagens envolvendo gênero. Olhando para: Como revistas segmentadas online apresentaram a cobertura jornalística sobre moda unissex? Como esses veículos abordam as representações de gênero no conteúdo veiculado? Como podemos entender a moda unissex a partir das matérias postadas nos sites de moda analisados? No recorte 2015 e 2016, olhando pautas que apresentavam o termo moda unissex. Dentro desse escopo, o objetivo foi entender, com um olhar sobre jornalismo e gênero, como as revistas abordavam as matérias sobre moda unissex. A partir disso, refletir sobre as concepções de gênero dentro das matérias pautadas pelas revistas, considerando o processo da pauta, a característica dos textos, as fontes envolvidas nas matérias subsidiando-se das teorias de gênero, corpo e sexualidade identificando dentro das informações nas matérias o entendimento desses termos. O propósito é entender a construção de gênero através das notícias postadas nas revistas online e compreender a roupa como uma expressão do indivíduo e desconstrução da ordem e padrão social.

Material e Métodos

ISSN 1676-0093

Para realizar a pesquisa foram escolhidas as revistas online Vogue e Glamour, que são duas revistas brasileiras com bastante notoriedade e de fácil acesso nas plataformas online. Para analise foi escolhido o recorte temporal de 2015 e 2016. A escolha dos anos deu-se porque foram anos em que a moda unissex ressurgiu com maior efervescência. Para entrar em contato com as matérias de moda unissex a busca deu-se pela barra de pesquisa de cada revista. Na barra de pesquisa foram pesquisados os termos: *moda unissex 2015* e *moda unissex 2016* que resultou nas matérias analisadas.

Para a análise qualitativa optou-se pela metodologia de análise de conteúdo que levou em conta aspectos como: data, edição, autoria, formato, fontes, imagem, vídeo e representação de gênero. Sempre buscando entender como os jornalistas representavam, ou entendiam os termos envolvendo moda unissex, corpo, sexo e identidade de gênero. As teorias utilizadas foram das autoras: Naomi Wolf (1992) que compreendendo a beleza como um sistema patriarcal vigente, dando poder aos corpos e também os dominando. Gayle Rubin (2011) que revisando as teorias clássicas das relações sociais e políticas de forma crítica compreende com um olhar em perspectiva de gênero a opressão das mulheres. Através do sistema sexo/gênero. Susan Bordo (1997) que entende que o corpo sofre uma pluralidade de situações envolvendo a opressão, e que ele não está ligado apenas a uma dualidade do opressor e do oprimido, pois sofrem opressões de gênero variáveis. E por fim Judith Butler (2003) que traz a teoria de gênero como sendo algo fluído e não fixo e que para a autora o conceito pode levar a um determinismo cultural.

Resultados e Discussão

Para a análise foi construído uma tabela dividida por categorias. Foram marcadas como neutras, matérias que apresentaram pouca relevância de gênero, e que também eram mais curtas. Já as marcadas como negativas, é porque apresentaram aspectos binários e em contra posição a moda unissex. As matérias marcadas como positivas são as que não apresentaram resultados negativos para a análise feita. No site da Vogue (https://vogue.globo.com/) abrangendo os anos de 2015 e 2016. Em 2015 foi encontrado e analisado 13 matérias que tratava de moda unissex. Já no ano de 2016 só foi encontrado duas matérias a respeito. No site da revista Glamour (https://revistaglamour.globo.com/) no ano de 2015 foi encontrado e analisado seis matérias contendo informações sobre moda unissex e no ano de 2016 foi encontrado e analisado oito matérias do quesito moda unissex. Ao todo foram encontradas 29 matérias dentro dos dois anos propostos para análise.

Nas matérias marcadas como positivas foi encontraram objetividade, onde o título, o lide e o resto do corpo textual seguia o mesmo percurso da proposta da pauta. Foi visto abordagem sem divisão binária (masculino/feminino), e um maior entendimento dos termos: moda agênero, moda unissex e androgênia. A imparcialidade apareceu, onde a matéria não buscava glamorizar a moda unissex.

O resultado de 17 matérias negativas apresentou critérios dissociativos com o jornalismo e gênero. A primeira característica é a grande incidência da divisão binária. Por tratar de matérias onde a pauta é falar de moda sem gênero, quando é usada a divisão binária, a matéria está considerando que a moda sem gênero não existe já que as roupas em destaque são feitas para homens ou mulheres e o que caracteriza ela não possuir gênero é que ambos podem comprar. Outro aspecto negativo foi a associação da moda sem gênero a uma estação e por isso a produção e venda da mesma. Já quando se analisa o que os jornalistas de moda trazem como moda unissex percebemos pouco entendimento, ou quase nenhum, sobre uma

moda sem divisões binárias. Isso aparece quando os textos trazem marcações específicas de cor e estampa, onde o uso de certa cor, ou estampa caracteriza roupas sem gênero. Embora, pelos estudos das autoras citadas entendemos que cor e estampas não determinam gênero.

Matérias que cobriam desfiles, mesmo o desfile não tratando especificamente da moda unissex a matéria era associada ao unissex para atrair o leitor para a "tendência" nova que surgia, mas o conteúdo apresentado não trazia quase nada de moda unissex. Quando olhamos o texto percebemos elementos ligados ao mercado ou ao marketing que deixa a divisão binária muito presente, mas disfarçada de moda unissex. Esse aspecto está presente em todas as matérias em diferentes graus. O termo andrógino apareceu em quase todas as matérias e apresentou uma conotação diferente do que a diversidade e a teoria *Queer* apresenta. O andrógino, ou a roupa andrógina, pela análise, entendeu-se como uma roupa capaz de se camuflar no corpo de uma mulher ou de um homem. Essa roupa pode ser unissex ou não, mas as características que a compõem dão um ar andrógino. O biótipo do corpo apareceu, diferenciando homens e mulheres, mesmo dentro da moda sem gênero.

O foco principal nas matérias negativas foi a relevância para o consumo, o mercado e a venda. Nada mais mostrou importância do que vender roupas. E por fim, as matérias neutras, foram matérias que podiam estar marcadas como negativas, mas não apresentaram quase nada sobre moda unissex a não ser o título. Essas matérias eram totalmente voltadas para a venda ou propaganda de algum produto ou marca. O título trazia o termo unissex, mas era usado apenas como algo chamativo, por conta da "tendência" da época.

Tabela – Análise qualitativa de Gênero

Revistas	2015 ou 2016	Categoria
Glamour	2015	1 matéria positiva
Vogue	2015	2 matérias positivas
Glamour	2015	4 matérias negativas
Vogue	2015	7 matérias negativas
Glamour	2016	5 matérias negativas
Vogue	2016	1 matéria negativa
Glamour	2015	1 matéria neutra
Vogue	2015	4 matérias neutras
Glamour	2016	3 matérias

ISSN 1676-0093

		neutras		
Vogue	2016	1 matéria neutra		
Total	**Positivas:** 3	**Negativas:** 17	**Neutra:** 9	
Total de matérias	**Glamour 2015:** 6	**Glamour 2016:** 8	**Vogue 2015:** 13	**Vogue 2016:** 2

Conclusão/ões

Conclui-se que o jornalismo de moda precisa quebrar com o olhar de admiração para olhar com mais crítica, análise e aprofundamento as questões que cercam, pautam e compõem a moda. E esse exercício precisa ser feito sem o jornalista de moda deixe-se vender pelo glamour e charme do trabalho. Falta imparcialidade, objetividade e crítica para o jornalismo de moda que precisa de limites contra marcas e empresas que usam o espaço das revistas para se promover. Embora a proposta seja moda unissex, o teor jornalístico nas matérias que promove o espaço de interesse público, não deu espaço a corpos diferentes, identidades diferentes ou diferentes concepções de gênero. As revistas de moda, que propõem pautar moda sem gênero não levam em conta as lutas da diversidade e se voltam para o consumo, deixando de fazer o papel do jornalismo que não é só cobrir eventos, informar acontecimentos ou pautar tendências. Seu papel é mais profundo e relevante que apenas um espelho refletor de padrões de beleza e tendências.

Agradecimentos

Agradecer o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por oferecer a bolsa de pesquisa permitindo que ele fosse produzida, desenvolvida e concluída. A Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) na qual sou acadêmico de jornalismo e onde entrei em contato com a iniciação científica. E ao grupo de pesquisa, Jornalismo e Gênero que abriu espaço e aceitou a minha pesquisa e participação, dando forma e embasamento para a conclusão do trabalho.

Referências

BORDO, S. R. **O Corpo e a reprodução da Feminidade: uma apropriação feminista de Foucault.** In JAGGAR, A. M.; BORDO, S., R (org). **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RUBIN, Gayle, **Políticas do Sexo. O tráfico de mulheres, notas sobre a "economia política" do sexo**, 2011.

WOLF, Naomi, **O mito da Beleza: Como as Imagens da beleza são usadas contra as mulheres.** Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.